



VI Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia



Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde do Ministério da Saúde, Ana Estela Haddad (direita), na abertura do Encontro: "O farmacêutico está integrado às equipes multidisciplinares e ciente do seu papel na Política Nacional de Saúde". Ainda à Mesa de Abertura, da esquerda para a direita, a Conselheira pelo Espírito Santo e Presidente da Comissão de Ensino do Conselho Federal, Magali Demoner; o Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos; e o Presidente da Abenfarbio, Carlos Cecy

Coordenadores de cursos, professores e estudantes de Farmácia de todo o País participaram, em Brasília, nos dias 28 e 29 de abril de 2010, do "VI Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia", realizado pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) e Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio). O evento teve por tema "Educação Farmacêutica e o exercício profissional".

HUMANIZAÇÃO E COMPROMISSO SOCIAL - O Presidente da Abenfarbio e integrante da Comissão de Ensino do CFF (Comensino), Carlos Cecy, fez um alerta aos docentes: "Se querem formar profissionais que vão cuidar da saúde da população, pensem, além da capacitação técnica, na humanização", disse.

Carlos Cecy lembrou que uma das principais dificuldades da Comissão Organizadora do evento foi a escolha do tema central. "E quando

o tema se refere a 'exercício', é muito mais do que a aplicação prática da profissão. É o compromisso com a sociedade e com a saúde da população", disse.

HOMENAGENS - O dirigente da Abenfarbio lembrou a história da instituição e concedeu duas homenagens. "A Abenfarbio renasceu, graças à perseverança de dois homens que gostaria de homenagear, agora, com a entrega das placas: Dr. Jaldo de Souza Santos, pelo constante apoio, e Dr. Radif Domingues, por ser parte da história da educação farmacêutica, neste País", completou.

Ao agradecer a homenagem, o Presidente do CFF citou que a educação, no Brasil, passa por transformações que se refletem nos serviços de saúde. "Qualquer trabalho tem um sentido de responsabilidade, mas o ato de ensinar, de formar novos profissionais, requer dedicação, capacitação e muito amor. Acreditar



Carlos Cecy, Presidente da Abenfarbio, entrega placa ao Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos



Mário Pederneiras, do CNE, é homenageado pelo CFF



Jaldo de Souza Santos concede homenagem a Ana Estela Haddad, do MS

nisso me faz apoiar a Abenfarbio, sempre", disse.

Souza Santos aproveitou o momento e homenageou com placas a Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde do Ministério da Saúde, Ana Estela Haddad; e Mário Portugal Pederneiras, membro do Conselho Nacional de Educação.

Ana Estela Haddad agradeceu a homenagem, lembrando que a Farmácia precisa de foco na qualidade, principalmente, na formação dedicada aos serviços públicos. "Hoje, o farmacêutico está integrado às equipes multidisciplinares e ciente do seu papel na Política Nacional de Saúde", disse.

Mário Portugal Pederneiras, por sua vez, falou da importância de as profissões se unirem, para bem servir à sociedade. "As profissões



Mario Pederneiras pede união das profissões



Radif Domingos, Coordenador do Cebrim, foi lembrado pela Abenfarbio por sua contribuição na reconstrução da instituição

ligadas à saúde precisam trabalhar, conjuntamente. O serviço de saúde é multidisciplinar”, afirmou.

PALESTRAS - Paulo Wollinger, Diretor de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), ministrou a palestra “Referenciais avaliativos dos cursos de graduação na área da saúde”. Wollinger destacou que o Brasil, nas últimas décadas, obteve importantes conquistas em relação à educação, mas há muito o que fazer, no setor. “Além de oferecer educação básica a todos, é preciso ampliar o acesso ao ensino superior. O País possui, hoje, 6 milhões de acadêmicos. Isso é muito mais que há dez anos, mas é muito pouco para uma nação que tem a décima maior economia do mundo”, arrematou Paulo Wollinger.

O Vice-Presidente da Abenfarbio, Professor Geraldo Alécio de Oliveira, ministrou a palestra “Implantando um currículo integrado baseado em competência. Para ele, os novos modelos de educação preveem uma formação dinâmica, de trabalho em equipe e em integração para atender à demanda social concentrada no Sistema Único de Saúde (SUS). E finalizou com um conselho aos docentes presentes: “Querem formar bons farmacêuticos? Então, os ensine com humanidade; humanize-os”.

Essas atividades movimentaram o primeiro dia do evento. No segundo dia, mesas-redondas e mini-cursos foram responsáveis pela agenda do Encontro.

Pela jornalista Veruska Narikawa, da Assessoria de Imprensa do CFF.

Mais do que o amor à profissão



Ainda é cedo para serem avaliados os efeitos da última reforma do ensino farmacêutico sobre os profissionais que entram no mercado de trabalho. Melhorar os conteúdos dos cursos de Farmácia e a qualidade dos serviços profissionais são desafios propostos, desde 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação, reiterados, em 2002, pelas Diretrizes Curriculares e medidas sequenciais que, até 2011, devem ser adotadas pelo Ministério da Educação.

“Não queremos formar números, assim como não queremos farmacêuticos trabalhando como garis, devido à má distribuição das faculdades de Farmácia pelas regiões brasileiras”, diz, incisiva, a Conselheira Federal de Farmácia pelo Espírito Santo e Presidente da Comissão de Ensino do CFF, Magali Bermond Demoner.

Para ela, o importante é que as ações desenvolvidas pelo MEC, em conjunto com o Ministério da Saúde e os Conselhos Profissionais (Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina), visam a promover e obter um ensino de qualidade.

A intenção é confirmada pelo Presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF), Jaldo de Souza Santos, ao afirmar que “mais do que o amor do profissional à profissão, é necessária a qualificação, já que o farmacêutico não existe apenas para fazer a manipulação de medicamentos, mas ele é, sim, um profissional pronto para atender a população”.

A frase foi dita na abertura do “VI Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia”, realizado pelo CFF e pela Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio), no Hotel

Nacional, em Brasília, de 28 a 30 de abril. Evento.

“As Diretrizes Curriculares, ainda, estão sendo digeridas pela categoria, mas a tônica está em uma forte formação básica, e as especializações, a definição de rumos e especificidades da carreira serão dadas pela educação continuada em cursos de pós-graduação”, enfatiza o Presidente da Abenfarbio, Carlos Cecy. De qualquer forma, ressalta, há um foco na formação de um profissional com bom preparo humanístico, paralelamente ao preparo técnico.

“Seguem-se os novos paradigmas firmados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), de que o farmacêutico deve ser formado e preocupado com a vida, com o convívio. Deverá, portanto, aprender a ser, aprender a conhecer, aprender



a fazer e aprender a conviver”, informa Cecy. E deveria, até, considera ele, ter uma matéria no curso que o ajudasse a preparar-se para o ócio, seja para aproveitar bem os momentos livres em uma sociedade estressante, seja para enfrentar possíveis momentos duros no desemprego.

No entanto, a perspectiva de desemprego é a menos esperada, uma vez que aparecem, cada vez mais, postos de trabalho para os farmacêuticos. “Por décadas, foi privilegiada a formação farmacêutica para as áreas de análises clínicas e industrial, atendendo mais as regiões Sul e Sudeste, que necessitavam desses profissionais, mas o Brasil é maior do que isto, e as outras regiões tem demandas para o atendimento da saúde pública”, lembra Leoberto Costa Tavares, professor de Tecnologia Químico-Farmacêutica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP (Universidade de São Paulo).

Tavares realça que as Diretrizes Curriculares se anteciparam em inserir a presença e o fazer do farmacêutico nas ações de saúde pública, que estão previstas, constitucionalmente, na criação do Sistema Único de Saúde. A mudança, então, para um farmacêutico com formação generalista, causa estresse, até hoje, “como qualquer mudança cultural de uma população, de uma cidade, um País ou classe profissional, mas estão sendo feitos os ajustes nesse novo perfil, que é o de um farmacêutico voltado para as necessidades da sociedade contemporânea”, afirma Leoberto Tavares.

O esboço desse farmacêutico faz-se, portanto, pelas características da nova formação exigida pelas Diretrizes Curriculares. Apontam para um profissional inserido no contexto da saúde pública nacional, com boa formação técnica, equilibrada, no entanto, por uma formação humanística.

Com os currículos adaptados para que o curso de Farmácia tenha, ou continue com reconhecimento legal para funcionamento, as faculdades formarão farmacêuticos com conhecimentos em todas as áreas básicas do curso, o que os habilita-

rão para a prática em Análises Clínicas, Indústria e alimentos. O curso foi aprofundado pela exigência de 4 mil horas/relogio, o que implica na duração de cinco anos - e obrigatoriedade de aulas práticas em farmácia-escola (própria) e laboratório-escola (a partir de setembro) próprio. Soma-se a isso o estágio obrigatório, com mais 800 horas.

SUCESSO - O sentimento de satisfação dominou os momentos finais do “VI Encontro Nacional de

Coordenadores de Cursos de Farmácia”. A Presidente da Comissão de Ensino do Conselho Federal de Farmácia, Conselheira Magali Bermond Demoner, revelou que o evento foi preparado com a expectativa da presença de 200 pessoas, mas participaram mais de 300 e foram recusadas, pelo menos, 100 inscrições, por falta de espaço.

Pelo jornalista Jornalista Fernando Ladeira, colaborador (Radioweb).



ARTIGO

A fronteira da profissão farmacêutica é a qualidade

Pelo jornalista Aloísio Brandão, Editor desta revista.

O saber e a prática. Estes dois eixos nortearam o “VI Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia”, que atraiu a Brasília, nos dias 28 e 29 de abril de 2010, coordenadores de cursos, professores e estudantes de Farmácia de todo o País. O evento foi promovido pelo Conselho Federal de Farmácia e Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio), e teve por tema central “Educação Farmacêutica e o exercício profissional”.

O propósito das duas entidades, ao realizar mais este Encontro, foi o de contextualizar e harmonizar o ensino com a prática profissional. Desde que as Diretrizes Curriculares foram implantadas, em 2002, o Conselho Federal - e, depois, a Abenfarbio - tem demandado esforços, com vistas a que as instituições de ensino superior que oferecem cursos de Farmácia adaptem-se ao que preconizam as novas normas adotadas pelo Conselho Nacional de Educação.

Há, no CFF, um gigantesco esforço, com vistas a unir as pontas desses dois fios, de sorte a torná-los

indissociáveis e fazê-los um só, sacramentando os preceitos abrigados nas Diretrizes Curriculares, de que o saber e a prática devem se conectar.

O CFF, muito além de suas atribuições legais, avocou a si a responsabilidade de promover as discussões sobre o novo modelo, ligando, assim, o gerador que fez acender as primeiras luzes da reforma. Não se deve esquecer que as reflexões que derivaram nas Diretrizes que deflagraram transformações complexas no ensino farmacêutico foram gestadas em vários debates travados nas edições da Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, realizadas pelo Conselho Federal.

É natural que o órgão sintase responsável por levar a cabo o processo transformador. Verdade seja dita, é um processo sem fim, pois que a Farmácia, como um corpo vivo, está em contínuo processo de mudanças, na busca natural de se atualizar. Como são caudalosas e sucessivas as ondas que, nos últimos dez anos, vem revolvendo práticas, valores, fazeres, o que se vê, hoje, é



uma Farmácia experimentando a sua mais profunda e histórica expansão e diversificação. Não haveria mesmo lugar para o imobilismo.

No centro da torrente de transformações, está a busca por um farmacêutico com múltiplas habilidades e conhecimentos técnicos e científicos e, também, afinado com as demandas que emanam da sociedade, dos sistemas público e privado de saúde, do mercado. Especialistas falam de um profissional que seja dotado de um viés humanístico, da consciência de que é um ente parte de uma coletividade com a qual interage e à qual deve oferecer serviços qualificados.

O CFF vislumbra mudanças no modelo pedagógico que apontem para uma obrigatoria e peremptória expansão da fronteira farmacêutica. Fronteira cuja linha do horizonte seja a qualificação, a competência, a excelência profissional. Ou seja, a fronteira é a qualidade. Qualidade para enfrentar os novos desafios, as novas demandas sanitárias, sociais, mercadológicas. O nascedouro do farmacêutico qualificado é o ensino, na graduação, entende o CFF. Cabe, então, às instituições de ensino, preparar os novos profissionais para assumir papéis relevantes exigidos pela sociedade.

Acompanho os eventos (Conferências, Fóruns e Encontros de Coordenadores) realizados pelo Conselho Federal para debater o ensino. Neles, fica patente o desejo dos atores envolvidos (coordenadores de cursos, professores, alunos, especialistas) de sedimentar as mudanças, mas o desejo de adaptação é proporcional às dificuldades que dizem que encontram. Muitos cursos não fizeram, ainda, aquilo que prevem as normas (as Diretrizes) do CNE/MEC. Sequer implantaram, por exemplo, os seus laboratórios-escola de análises clínicas, as suas farmácias-escola, o modelo pedagógico.

O Conselho Federal toma o seu pulso do setor e percebe a sua tensão, diante das dificuldades para a adequação às exigências das Diretrizes. O órgão uma montanha de es-

forços (são pesquisas, estudos, manuais; eventos, como a Conferência Nacional; visitas contínuas às universidades e a busca de um diálogo com as mesmas) para apontar caminhos que levem à adaptação. E vai cobrar a adequação, mesmo porque foi convidado pelo MEC para uma parceria na área.

Não custa lembrar que a maioria dos envolvidos com o ensino farmacêutico queria mudanças, mas sacudir um modelo que, bem ou mal, já estava cristalizado, gera reações. O modelo, denunciam o CFF e a Abenfarbio, estava carcomido por um tecnicismo arcaico que já não conseguia enxergar o que estava acontecendo fora dos limites da universidade. E, fora dos limites, uma palpitação social e uma demanda mercadológica novas clamavam por farmacêuticos multiplamente qualificados e que entendessem, com o mínimo de compreensão filosófica, antropológica, ontológica, o ser e os produtos com quem lidam.

Ora! Há uma população envelhecendo, no Brasil (e no mundo), que sinaliza (com doenças, como o diabetes, hipertensão, osteoporose e outras) com um desafio extraordinário por ações diferenciadas de assistência farmacêutica; há o SUS, maior sistema de saúde pública do mundo, pleno de contradições e complexidade, que é sedento das ações dos farmacêuticos e é o espaço onde eles, qualificados e dialogando com os demais profissionais da saúde em ações multidisciplinares, atenderão, lá na ponta, onde está o paciente ávido dos seus serviços; há a indústria e sua moderna tecnologia; há ações em vigilância; há a citopatologia e outras áreas.

Parecia que as novas demandas, interpretam os especialistas, não passavam pela malha impermeável, não chegando ao coração dos cursos de Farmácia.

O Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, sintetiza a nova quadra, assim: "Tudo deve ter por meta servir bem ao cidadão". Há mais de uma década, numa entrevista, Jaldo

me disse que a qualificação profissional era o único caminho que levaria os farmacêuticos a resgatar o espaço – e as consequentes autoconfiança e auto-estima – que perderam, nos anos 50/60 do século XX, quando o interesse econômico "tentou aviltar a nossa profissão, pregando que os farmacêuticos eram dispensáveis, dentro das farmácias, pois os seus serviços poderiam ser realizados por balconistas, como pegar caixinhas coloridas de medicamentos e entregá-las ao paciente". O próprio Jaldo pergunta: "E a orientação farmacêutica aos usuários? E os demais cuidados aos pacientes?".

Naquela entrevista, ele afirmou que não sossegaria, enquanto não implantasse políticas voltadas para a qualificação. Obstinado, criou cursos, fez ressuscitar a Fundação Brasileira de Ciências Farmacêuticas/CFF, que será responsável pelos cursos de pós-graduação *lato sensu* em Farmácia Comunitária, de 510 horas, e de aperfeiçoamento ("Assistência Farmacêutica na Farmácia Comunitária"), de 172 horas e já em curso. Grande ação do CFF foi trazer professores, alunos e especialistas para o debate que desembocou no novo modelo.

Se, para muitos, é imprevisível o que acontecerá ao ensino, com a implantação das Diretrizes, para outros, já está claro que ele jamais será o mesmo, com o modelo vigente, vez que, mais que apenas nos contornos, a sua alma já está mudada. E para melhor.

Os professores Magali Demoner, Presidente da Comissão de Ensino (Comensino) do CFF e Conselheira Federal pelo Espírito Santo; Carlos Cecy, Presidente da Abenfarbio e integrante da Comensino, e Zilamar Costa Fernandes, da Comensino, animam-se: "Agora, temos um rumo. Ele foi traçado democraticamente e é nele que estamos indo". Cabe um esforço de todos, para amplificar o rumo e se chegar ao ensino com que sonham.

PS.: Entre o sonho e a realidade, existe a ação.